

RESSALVA

Atendendo solicitação da autora,
o texto completo desta tese será
disponibilizado somente a partir
de 01/03/2020



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Câmpus de São José do Rio Preto

ANA PAULA DE OLIVEIRA DIAS-FÉLIX

CONSTRUÇÕES ALÉM DE SOB A PERSPECTIVA DISCURSIVO-FUNCIONAL

São José do Rio Preto

2018

ANA PAULA DE OLIVEIRA DIAS-FÉLIX

CONSTRUÇÕES *ALÉM DE* SOB A PERSPECTIVA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de doutor em Estudos Linguísticos (área de concentração: Análise Linguística), junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientadora: Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti

São José do Rio Preto

2018

Dias-Félix, Ana Paula de Oliveira.

Construções além de sob a perspectiva discursivo-funcional / Ana Paula de Oliveira Dias-Félix. – São José do Rio Preto, 2018
124 f. : il.

Orientador: Erotilde Goreti Pezatti

Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio
Preto

1. Análise linguística. 2. Gramática discursivo funcional. 3.
Retórica. 4. Semântica. I. Título.

CDU – 469.0-5

ANA PAULA DE OLIVEIRA DIAS-FÉLIX

CONSTRUÇÕES *ALÉM DE* SOB A PERSPECTIVA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de doutor em Estudos Linguísticos (área de concentração: Análise Linguística), junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Erolde Goreti Pezatti – Orientadora
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), câmpus de São José do Rio Preto.

Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi-Sé
Universidade Federal de São Carlos (Ufscar) – câmpus de São Carlos.

Prof. Dr. Marcelo Módolo
Universidade de São Paulo (USP) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Profa. Dra. Marize Matos Dall’aglio Hattner
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), câmpus de São José do Rio Preto.

Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini-Bastos
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), câmpus de São José do Rio Preto.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, 31 DE AGOSTO DE 2018.

Dedico este trabalho à memória de minha avó materna, Ercília Dias da Silva, que me ensinou para além das primeiras letras. Ensinou-me, sobretudo, o significado da palavra saudade e concretizou o insubstituível em minha vida.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Erotilde Goreti Pezatti, por esses 12 anos de trabalho conjunto, desde o primeiro ano de graduação, quando foi também minha professora. Agradeço pelo exemplo de ética e comprometimento, por ter feito muito mais do que cabe a uma orientadora, acolhendo-me em momentos extremamente difíceis – acadêmicos e pessoais –, apoiando-me em minhas decisões, aconselhando-me e, especialmente, sempre tentando indicar o melhor caminho, mostrando-me, acima de tudo, que as melhores decisões são aquelas com as quais nos sentimos verdadeiramente satisfeitos e felizes. Sou muito grata, ainda, por ter me acolhido em seu seio familiar, inúmeras vezes, permitindo-me reconhecê-la como exímia mãe e avó, fazendo-me, inclusive, lembrar-me, ao observar suas interações com o Heitor, do imenso amor e cuidado que recebi de minha avó na infância. Pelas intermináveis correções que fez em meus textos, por exigir sempre o melhor que eu poderia oferecer e, por fim, pela confiança, mesmo diante de condições bastante adversas, sou imensamente grata.

À minha mãe, Fátima Silva Campos, pelo apoio incondicional, pelas inúmeras vezes que se desdobrou seja para me levar ou buscar na rodoviária, seja por me emprestar o carro para viajar para Rio Preto ou para congressos, seja por cuidar da minha casa e dos meus animais em meus períodos de ausência, enfim, por todos os esforços que moveu para que meus objetivos, especialmente os profissionais, se concretizassem.

À Prof.^a Dr.^a Joceli Catarina Stassi-Sé, pela extrema atenção para com meu trabalho desde o Selin, quando o debateu; pelas instruções tão atentas e pertinentes, pelo zelo, pela dedicação, por ter me apontado, de forma tão didática e minuciosa, os pormenores do percurso para que este trabalho tomasse sua forma final.

À Profa. Dra. Marize Matos Dall'aglio Hattner, pelos tão válidos apontamentos e questionamentos realizados tanto no exame geral de qualificação quanto na banca de defesa;

sou imensamente grata por, nestes momentos, provocar-me não só enquanto escrevente desta tese, mas principalmente enquanto pesquisadora, o que é fundamental ao fazer acadêmico.

Ao Prof. Dr. Lachlan Mackenzie, pela imensa simpatia e prestatividade ao responder minhas dúvidas enviadas por e-mail e por se prontificar a conversar sobre elas via Skype.

Aos docentes do PPGEL, especialmente ao Prof. Dr. Lourenço Chacon, pelo exemplo de docência, pautado na ética, seriedade e dedicação; por se prontificar a sanar minhas mais diversas dúvidas – sobre Linguística ou até mesmo sobre rotas rodoviárias – e também pela amizade.

À Silvia Emiko Kazama, pela imensa atenção, paciência e prestatividade com que realiza seus serviços na seção técnica de pós-graduação e também ao Mauro Miasaki, pela simpatia com que sempre me atendeu por lá.

À Flávia Orci, por ter me acompanhado, mesmo que a distância, em todo esse processo do doutorado, durante minhas dores, alegrias, inseguranças, apoiando-me, ouvindo meus lamentos, refletindo dados ou quaisquer outros fenômenos linguísticos comigo, tudo isso sempre repleto de muita diversão.

À Roberta Freitas Dias, por todas as vezes que me ouviu e me incentivou a trilhar essa caminhada, bem como pelas inúmeras e riquíssimas discussões sobre linguagem, a maioria delas via WhatsApp.

À Fernanda Sbrissa que, mesmo tendo seguido pelos veios literários e estando longe do meio acadêmico há algum tempo, sempre demonstrou enorme empatia para com as dores e alegrias que enfrentei durante a realização do doutorado. Jamais poderei mensurar a imensa gratidão pelo fato de que minha vida na universidade começou e também se encerra com sua participação, desde a borracha que me emprestou na primeira aula de inglês até a revisão do texto desta tese – mesmo sem saber muito bem a diferença entre Gramática Funcional e Gramática Discursivo-Funcional.

À Taísa Robuste, a quem tive o imenso prazer de conhecer durante o doutorado e de quem recebi todo o apoio emocional em momentos bastante delicados, especialmente às vésperas da qualificação e da entrega do texto final para a defesa.

Às amigas Aline Kapp, Geovana Soncin e Priscilla Zago, incríveis analistas da linguagem, pela constante demonstração de imenso carinho e atenção, perguntando-me sobre o andamento da tese, ouvindo-me, apoiando-me e tranquilizando-me em momentos delicados.

A Willian Martins que, mesmo distante dos caminhos da academia, ao menos por ora, sempre demonstrou empatia diante das várias dificuldades comuns à esfera acadêmica por mim relatadas. Agradeço, ainda, por ter gentilmente me substituído tantas vezes quando precisei me ausentar em razão de congressos ou de outras burocracias relativas ao doutorado e também pelo apoio, pela valorização da atividade científica e pelas acolhedoras conversas via WhatsApp ou regadas a boas doses de café.

A Luccas Brazão Bento, amigo querido, que me ofereceu, além de acolhimento diante das dificuldades, seu excelente apoio profissional, sem o qual esta tese jamais poderia ter sido finalizada.

A Guilherme Pascutti que, mesmo não sendo atuante na esfera acadêmica, sempre demonstrou muita gentileza e empatia, oferecendo-me sua agradável e divertida companhia quando precisei estar em Rio Preto. Sou grata, ainda, por ter disponibilizado sua casa para que eu pudesse me hospedar a fim de cumprir demandas do doutorado.

A César Campos, meu padrasto, pelo apoio desde que precisei ir a Lisboa, ainda no mestrado, por todas as vezes que me levou a Rio Preto ou a eventos científicos e pelo incentivo a continuar essa caminhada.

A meu pai, Paulo Ricardo de Oliveira, que sempre considerou importante que eu cursasse o doutorado, apoiando-me e mostrando-me que nada disso seria em vão, fosse por razões pessoais ou profissionais.

A meus avós paternos, tios e tias que, mesmo sem entender exatamente o que eu fazia por tantos anos na universidade, jamais me negaram apoio.

Ao Colégio Salesiano, à Unitoledo e aos cursos Legis Polisaber e SuperProfessores, especialmente representados nas figuras de seus respectivos coordenadores, por terem sempre me apoiado na realização deste trabalho e também gentilmente compreendido minhas eventuais necessidades de ausência em sala de aula ou em reuniões a fim de comparecer a eventos científicos ou de solucionar outras demandas do doutorado.

Aos membros da banca de defesa, pela gentileza em aceitarem o convite e pelo tempo que disponibilizaram para ler este trabalho, contribuindo, assim, para sua finalização.

À Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, pelo privilégio de poder iniciar e solidificar minha formação acadêmico-profissional em uma universidade reconhecida não só pela qualidade de seus feitos acadêmicos, mas também pelo sentimento fraternal que une toda a família unespiana.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“Numa partida de xadrez, qualquer posição dada tem como característica singular estar libertada de seus antecedentes; é totalmente indiferente que se tenha chegado a ela por um caminho ou outro; o que acompanhou toda a partida não tem a menor vantagem sobre o curioso que veio espiar o estado do jogo no momento crítico; para descrever a posição, é perfeitamente inútil recordar o que ocorreu dez segundos antes.”

Ferdinand de Saussure

RESUMO

Este estudo trata das construções *além de* no português, codificadas na forma oracional e sintagmática, a fim de estabelecer um panorama do uso desse tipo de estrutura na língua portuguesa. Para tanto, baseia-se no aparato teórico da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), um modelo de organização descendente que toma como guia as intenções do falante na estruturação dos enunciados durante as situações de interação. Como universo de investigação, foram selecionadas ocorrências de três fontes distintas: o *cópus* Português Oral, que traz amostragens do português falado em Portugal, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste; o projeto “*Cópus do Português*”, formado a partir de páginas da internet do Brasil, Portugal, Angola e Moçambique e, por último, a rede social Twitter. Os resultados mostram que as construções *além de* desempenham duas funções, uma de natureza interpessoal, aqui denominada Função Retórica Suporte, e outra, de natureza representacional, denominada Função Semântica Doxástico. A Função Retórica Suporte corresponde a um Ato Discursivo Subsidiário, que se relaciona ao Ato Discursivo Nuclear, e é morfossintaticamente codificada ocupando posição anterior ao núcleo. A Função Semântica Doxástico, por sua vez, constitui um modificador de um Conteúdo Proposicional e compõe com seu núcleo um único Ato Discursivo, posicionando-se depois do seu núcleo. Verifica-se também que os constituintes da construção *além de* podem estabelecer entre si uma relação morfossintática de Subordinação ou Cossubordinação, nos casos oracionais, e de Extraoracionalidade, nos casos sintagmáticos, o que varia a depender da Função Retórica ou Semântica desempenhada por eles. Além disso, a análise mostra que construções *além de* podem ser encabeçadas pela preposição *para*, introduzida no nível Representacional, que apenas reforça o valor alativo de *além* e em nada altera as demais propriedades das construções. Essas propriedades interpessoais e semânticas desencadeiam codificação fonológica distinta para essas duas construções: estruturas com

Função Retórica Suporte são constituídas de duas Frases Entonacionais, uma para o ato nuclear e outra para o subsidiário, enquanto construções com Função Semântica Doxástico constituem ambos, núcleo e modificador, uma única Frase Entonacional.

Palavras-chave: Função Retórica Suporte. Função Semântica Doxástico. Além de. Ordenação de constituintes. Gramática Discursivo-Funcional.

ABSTRACT

This study takes care of the constructions *além de* in Portuguese, codified in clausal and phrasal forms, in order to establish an overview of the use of this type of structure in Portuguese language. For this purpose, it rules as a base the theoretical apparatus of Functional Discourse Grammar, by Hengeveld and Mackenzie (2008), a model of top-down organization which takes as guide speakers' intentions on statements structuring during interactive situations. As universe of research, occurrences from three different sources were selected: the corpus Português Oral, which brings samples of spoken Portuguese from Portugal, Brazil, Cape Verde, Guinea-Bissau, Mozambique, São Tomé and Príncipe and East Timor; the project "Cópus do Português", formed by Brazilian, Portuguese, Angolan and Mozambican web pages; and, at last, the social network Twitter. Results have shown that constructions *além de* perform two functions, one of interpersonal nature, hereinafter called Support Rhetorical Function, and other, of representational nature, called Doxastic Semantic Function. The Support Rhetorical Function corresponds to a Subsidiary Discourse Act, which is related to the Nuclear Discourse Act, and it is morphosyntactically codified occupying the position before the head. The Doxastic Semantic Function, in turn, constitutes a modifier of a Propositional Content and composes, with its head, a single Discourse Act, positioning itself after its head. It is also verified that the components of the construction *além de* can establish among themselves a morphosyntatic relationship of Subordination and Cosubordination, in clausal cases, and of Extra-clausality, in syntagmatic cases, which varies depending on the rhetorical or semantic function filled by them. Besides, analysis shows that constructions *além de* can be headed by the preposition *para*, inducted in the Representational Level, which only reinforces the allative value of *além* and in any way alters other properties of the constructions. These interpersonal and semantic properties trigger a distinct phonologic codification for these two constructions: structures with Support Rhetoric Function are

constituted by two Intonational Phrases, one for the nuclear act and another for the subsidiary one, while constructions with Doxastic Semantic Function constitute both, head and modifier, a single Intonational Phrase.

Keywords: Support Rhetorical Function. Doxastic Semantic Function. Além de. Constituent ordering. Functional Discourse Grammar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Parataxe e encaixamento	27
Figura 2 – GDF como parte de uma teoria mais ampla de interação verbal	38
Figura 3 – Esquema Geral da Gramática Discursivo-Funcional	39
Figura 4 – Estruturação do Nível Interpessoal	42
Figura 5 – Estruturação do Nível Representacional	48
Figura 6 – Estruturação do Nível Morfossintático	56
Figura 7 – Codificação das unidades interpessoais e representacionais.....	65
Figura 8 – Estruturação do Nível Fonológico	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorias Semânticas	52
Quadro 2 – Correspondências entre classes de Palavras Lexicais e Gramaticais	62
Quadro 3 – Esquema de posições (inicial, medial e final)	65
Quadro 4 – Esquema de posições (pré, centro e pós).....	66
Quadro 5 – Posição dos operadores (π) oracionais interpessoais e semânticos	66
Quadro 6 – Posição dos modificadores (σ) oracionais interpessoais e semânticos.....	68
Quadro 7 – Ordenação linear da construção <i>além de</i> interpessoal na Expressão Linguística..	92
Quadro 8 – Ordenação de (<i>para</i>) <i>além de</i> com função Suporte	101
Quadro 9 – Posição do modificador <i>além de</i> na oração	112
Quadro 10 – Posição do modificador <i>além de</i> no sintagma	114
Quadro 11 – Ordenação de (<i>para</i>) <i>além de</i> em construção tética	115
Quadro 12 – Ordenação de (<i>para</i>) <i>além de</i> em construção existencial	116
Quadro 13 – Representação fonológico do modificador (<i>para</i>) <i>além de</i>	116
Quadro 14 – Atuação das construções (<i>para</i>) <i>além de</i> no português, segundo a Gramática Discursivo-Funcional	120

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1. Considerações iniciais	17
2. As construções <i>além de</i> na tradição gramatical.....	18
3. As construções <i>além de</i> na literatura linguística	21
4. Hipóteses e objetivos para os usos de <i>além de</i> no português	31
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	34
1.1 A Gramática Discursivo-Funcional	34
1.1.1 Um modelo de interação verbal.....	38
1.1.1.1 A organização em níveis e camadas	40
1.1.1.1.1 Nível Interpessoal	41
1.1.1.1.2 Nível Representacional.....	48
1.1.1.1.3 Nível Morfossintático	53
1.1.1.1.3.1 As camadas morfossintáticas	56
1.1.1.1.3.2 A ordenação de constituintes	62
1.1.1.1.3.3 A ordenação de constituintes hierárquicos.....	64
1.1.1.1.3 Nível Fonológico	69
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	73
2.1 Hipóteses e objetivos	73
2.2 Caracterização do corpus.....	74
2.2.1 O corpus Português Oral	74
2.2.2 O Corpus do Português.....	76
2.2.3 Twitter	77
2.3 Parâmetros de análise	78
2.3.1 Tipo de Camada por Nível	78
2.3.2 Pressuposição	79
2.3.3 Posição em relação ao núcleo.....	79
3. ANÁLISE DOS DADOS	81
3.1 Construções interacionais	82
3.2 Construções representacionais.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	122

INTRODUÇÃO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A investigação que ora se apresenta tem por objetivo analisar, com base no aparato teórico da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), as relações estabelecidas entre sintagmas e orações expressos pela estrutura *além de*, no português, como exemplificam as ocorrências em (1), (2) e (3):

(1) *além de ele ser o professor*, ele foi o amigo da gente. (Bra93:FestaEstudante)

(2) precisava de mais... umas horinhas *além das vinte e quatro horas*. (PT95:SaberVender)

(3) A transcrição ortográfica, *para além de facilitar a compreensão do oral*, constitui uma base consistente para o estudo dos aspectos morfofonológicos, lexicais, sintáticos e discursivos do português falado contemporâneo. (Trecho introdutório do corpus “Português oral”)

Pesquisadores e gramáticos que se debruçam sobre esse tipo de construção a têm denominado de *aditiva*, por entender que a circunstância que mais se aproxima dela é a de acréscimo. Uma busca a estudos que envolvem esse tipo de construção ou de relações aditivas, ainda que raros, revela duas perspectivas principais: a primeira, de base filosófica, analisa as sentenças envolvidas na construção em função de seu valor de verdade; a segunda, de natureza retórica, considera que as sentenças têm fundamentalmente a função de contribuir argumentativamente à elaboração do discurso.

Trata-se, nesta seção, do panorama geral das investigações referentes ao objeto de estudo da tese. Dessa maneira, a estrutura *além de* será, primeiramente, situada no âmbito da

Gramática Normativa. Em seguida, passa-se ao panorama sob a ótica da Linguística e, por fim, serão expostos os objetivos e as hipóteses que norteiam este trabalho, bem como as razões que justificam sua pertinência no âmbito dos estudos linguísticos, especialmente para a teoria discursivo-funcionalista.

2. AS CONSTRUÇÕES *ALÉM DE* NA TRADIÇÃO GRAMATICAL

Com o objetivo de situar as construções introduzidas por *além de* no âmbito da Gramática Tradicional, parte-se do conceito de advérbio, passando pelo conceito de locução adverbial e, por fim, encerra-se tratando das orações. Esse trajeto se justifica tendo em vista o fato de que a palavra *além* é tradicionalmente tratada como um advérbio e, na condição de locução prepositiva, toma como complemento termos nominais e verbais, dando origem, assim, a locuções e orações adverbiais.

Segundo o dicionário Houaiss (2009), são considerados quatro significados para o advérbio *além*, quais sejam: (i) da parte de lá, para o lado de lá, acolá; (ii) mais à frente, mais adiante; (iii) em lugar longe ou bem longe; e (iv) para fora ou afora. Observa-se ainda que essa palavra pode também equivaler, semanticamente, à expressão *para além de*.

De modo geral, as definições de advérbio nas gramáticas tradicionais podem ser resumidas na definição dada por Cunha e Cintra (2001, p. 541): o advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo. Entretanto, alguns autores, como Bechara (1999), afirmam que o advérbio pode modificar não somente o verbo mas todas as classes gramaticais (exceto artigo e interjeição) e até mesmo a oração. Nessa perspectiva, em função da circunstância que desempenham ou da “ideia acessória” que expressam, advérbios são tradicionalmente classificados como termos que indicam: afirmação, dúvida, intensidade, lugar, modo, negação e tempo. Segundo Cunha e Cintra (1985), a Nomenclatura Gramatical

Brasileira acrescenta, ainda, três tipos a essa lista, a saber: advérbios de ordem, exclusão e designação. Entretanto, os autores ressaltam que advérbios de exclusão e designação são classificados como um grupo à parte, por não apresentarem características típicas dos advérbios. Embora seja feita uma classificação, os autores apenas citam alguns exemplos de cada tipo de advérbio e, dessa forma, não se arriscam a aprofundar o tratamento a nenhum tipo distinguido. Em nota, Cunha e Cintra (1985, p. 530) afirmam que, sob a denominação de advérbios, reúnem-se, tradicionalmente, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas, o que motiva linguistas modernos a reexaminar o conceito de advérbio, limitando-os tanto do ponto de vista funcional quanto do ponto de vista semântico.

Ao falar sobre aspectos mórficos e sintáticos dos advérbios, Macambira (1970) apresenta uma definição extremamente genérica para a classe, uma vez que se limita a dizer que são classificadas como tais todas as palavras terminadas pelo sufixo *-mente* (resultantes de oposições formais com o adjetivo correspondente) e também palavras de cunho invariável que se articulem com os advérbios *tão*, *quão* e *bem*.

Quanto ao que se entende por locução adverbial, as definições encontradas na Gramática Tradicional basicamente correspondem ao dado por Lima (1986, p. 544): duas ou mais palavras que juntas funcionem como um advérbio. Como já mencionado, de modo geral, o conjunto de palavras que forma essas locuções corresponde a uma preposição, que pode se associar a um substantivo, a um adjetivo ou a um advérbio.

Kury (1987, p. 56), no entanto, ao tratar dos termos acessórios no período simples, considera a existência de adjuntos/complementos adverbiais de acréscimo, em exemplos como (4):

(4) Além da medalha, ganhou vários prêmios.

Também Bechara (1999, p. 449) trata do que denomina adjunto adverbial de adição ou inclusão, dizendo que os adjuntos adverbiais que expressam adição podem vir introduzidos pela preposição *sobre*, em construções como (5), por palavras de valor inclusivo (*mesmo*, *inclusive*, etc.) e, mais frequentemente, pelas locuções prepositivas *além de*, *a mais de*, *ademais de*, em ocorrências como mostram (6), (7), (8) e (9):

(5) *Sobre desemprego*, havia doença.

(6) *Além das notas ruins*, faltava muito às aulas.

(7) *Ademais dos parentes*, vinham os convidados.

(8) Todos ficaram, *mesmo Ana*.

(9) Os visitantes já se foram, *Daniel inclusive*.

O termo “adição” é também empregado no âmbito das relações entre orações. Kury (1987) aponta que a coordenação aditiva ocorre quando vários pensamentos coordenados estão simplesmente em sequência ou encadeados de modo a serem introduzidos por conjunções. Ainda segundo o autor, essas relações podem ser sindéticas – quando apenas a oração aditiva é iniciada pela conjunção –, como se observa em (10), em que a última oração é introduzida por *e*, ou correlatas – quando há presença da conjunção em ambas as orações, como se observa em (11):

(10) Não vê, não ouve, não fala *e* não conhece ninguém. (Garret, VMT, 318)

(11) Quincas Borba *não só* estava louco, *mas* sabia que estava louco. (M. de Assis, BC, 379)

Dessa forma, para marcar a relação aditiva são sempre mencionadas as conjunções *e*, *nem*, definidas como as que servem para ligar dois termos ou duas orações de idêntica função, (Cunha e Cintra, 2001, p. 580), como em (12) e (13), e a correlativa *não só... mas* (Kury, 1987).

(12) Leonor voltou-se *e* desfaleceu. (G. Ramos, I, 81.)

(13) Ele não me agradece, *nem* eu lhe dou tempo. (F. Botelho, X, 41.)

Como se vê, as construções aqui enfocadas, do ponto de vista tradicional, envolvem muitos aspectos da gramática do português, desde questões morfossintáticas, como partes do discurso (advérbios, conjunções), estrutura formal (locução adverbial, locução prepositiva), até questões semânticas, como a classificação de tipo de coordenação (aditiva).

3. AS CONSTRUÇÕES *ALÉM DE* NA LITERATURA LINGUÍSTICA

Distanciando-se da abordagem adotada pelo panorama normativo, os estudos linguísticos costumam dispensar maior atenção aos diferentes usos dos juntores potencialmente indicativos de relações de adição, atentando a possíveis processos de gramaticalização, à natureza da relação sintática entre os elementos envolvidos na estrutura aditiva ou ainda à pluralidade funcional de um mesmo conectivo.

Dentre tais abordagens acerca do fenômeno da adição, vale citar o trabalho de Módolo (2005), que entende as construções correlatas conjuncionais – entre elas as correlatas aditivas

– como um processo particular de articulação sintática, que não se enquadra, por sua vez, nas tradicionais definições de coordenação ou subordinação, mas sim no âmbito da correlação. Há também trabalhos que se debruçam sobre questões como os diferentes valores semântico-discursivos do conectivo *e*, a exemplo da investigação efetuada por Camacho (1999) acerca de estruturas coordenadas aditivas, em que o autor defende, com base em uma abordagem funcional-cognitiva, que o conectivo *e*, como conjunção de termos ou de orações, apresenta usos discursivos que são determinados por condições pragmáticas. Em diálogo com essa análise, tem-se o trabalho de Penhavel (2005), que entende o conectivo *e* como multifuncional, tendo em vista que seu estatuto funcional é fruto de um processo de discursivização.

Ao tratar dos conectivos adverbiais na história do inglês, Lenker (2010) aponta para o fato de que muitas gramáticas têm tratado conectivos e conjunções adverbiais em grupos, definidos pelas relações semânticas que os conectivos marcam, oferecendo, portanto, uma tipificação semântica global das relações. Sendo assim, tradicionalmente, diferentes relações semânticas, entre elas a adição, não são subdivididas, mas descritas, em todas as suas formas de manifestação, como se fossem idênticas. A autora observa que apenas os autores da *Gramática Cambridge* (*Cambridge Grammar*) propuseram, recentemente, uma distinção entre conectivos “puros” e “impuros”. Enquanto os “puros” não têm outra função a não ser conectar uma oração ao contexto em que se insere, os “impuros”, além de sua função conectiva, também expressam outros aspectos dos dois termos conectados.

Lenker (2010) defende que a relação de adição pura pode ser apresentada pelo conectivo *and* (*e*), que tem sido, de longe, o mais comum marcador da relação de adição não apenas no nível da frase mas também no nível da sentença e do discurso. Essa força aditiva de *and* (*e*) pode ser reforçada pelo uso de construções como *and moreover* (“e além do mais”) ou

ainda *and furthermore* (“e além disso”). Para esse uso conjugado, a autora adota a terminologia “conectivos de reforço”.

Partindo de descrições na língua inglesa que consideram a existência de uma oração subordinada aditiva (Lenker, 2010), Oliveira (2012b) investiga a questão no português. Para tanto, ampara-se na perspectiva de Halliday (1985) e de Matthiessen e Thompson (1988), defendendo que as orações construídas com *além de* constituem casos de subordinação aditiva. Entretanto, Oliveira (2012b) observa que, diferentemente das investigações de que partiu – realizadas por Hengeveld (1993, 1996 e 1998) e Pérez Quintero (1998 e 2002) –, não considera as orações subordinadas aditivas como subtipos de orações adverbiais já que, segundo ela, não promovem modificação. Dessa forma, a autora (Oliveira, 2012b), ao apoiar-se na vertente funcionalista de Halliday (1985) e de Matthiessen e Thompson (1988), entende que as orações introduzidas por *além de* são casos de hipotaxe adverbial, mais especificamente, hipotaxe de extensão, nos termos de Halliday (1985), ou seja, essa oração amplia o significado da outra, principal. Isso define, portanto, essas orações como dependentes em relação a uma oração matriz, de modo que lhe acrescentam uma circunstância, mas não mantêm com ela uma relação de constituência, uma vez que não são consideradas constituintes da oração principal, como ocorre com os processos de encaixamento.

Em outro estudo, mais próximo da perspectiva que aqui se adota, Oliveira (2012a) trata dessas mesmas construções tomando como aparato o arcabouço teórico que norteia este trabalho. Ao se debruçar sobre o tema, amparada no funcionalismo holandês, a pesquisadora toma como ponto de partida as reflexões de Pérez Quintero (2002) e Hengeveld (1998) para defender a existência de uma oração subordinada adverbial aditiva. Para Hengeveld (1998, p. 352), entre os tipos semânticos de orações adverbiais, há relação de adição, que estabelece uma relação de dependência morfosintática entre um núcleo e seu modificador, característica

do processo de subordinação, exemplificado em construções como *além de preparar o jantar, eu cuido do jardim*¹.

Oliveira (2012a) defende que a expressão *além de* evidencia uma hierarquia entre os eventos descritos pelo ouvinte e, com base nela, apresenta outro, mais relevante, de maior destaque, argumentando que, por essa razão, esse tipo de relação aditiva extrapola uma “adição neutra”, como a que se estabelece pelo conectivo *e*. Dessa forma, considera que há na nomenclatura “aditiva” uma lacuna terminológica, dado que não se trata de uma simples adição. Segundo a autora, diferentemente das demais orações adverbiais, entre as orações envolvidas na construção com *além de* não se instaura qualquer Função Retórica no nível interpessoal. Em outras palavras, Oliveira (2012a, p. 96) assume que *a relação entre as orações não se dá em termos de adequação ou relevância comunicativa, como ocorre com aquelas que desempenham Função Retórica*, ou seja, não desempenham papel algum no que se refere à interação falante-ouvinte. Desse modo, para a autora, esse tipo de construção é específico do nível representacional e promove apenas a conexão de eventos e não de proposições. Para fim de ilustração, recorre à ocorrência (14), em que *enriquecer* corresponde ao evento 1 e *aumentar a beleza*, ao evento 2:

(14) e o tempo o ajudara, *além de enriquecê-lo*, aumentara-lhe a beleza. (19Or:Br:Interv:Pov)

Oliveira (2012a) observa a impossibilidade de se unir proposições em construções como (14), uma vez que a própria natureza da relação codificada por *além de*, por indicar o encadeamento de dois segmentos, não permite que a união de proposições ocorra. Isso só seria possível se as proposições mobilizassem relações semânticas de outra natureza, como de causalidade ou de inferência epistêmica. Dessa forma, propõe que o conjunto composto das orações principal e subordinada adverbial de adição é representacionalmente codificado como

¹ Apart from cooking dinner, I look after the garden.

um Episódio, formado por dois eventos que, juntos, compõem um único Conteúdo Proposicional.

Outro aspecto defendido pela autora (Oliveira, 2012a) é que, morfossintaticamente, a construção *além de* corresponde a uma Expressão Linguística, formada por duas orações, que estabelecem entre si uma relação de subordinação. Para a autora, isso se evidencia no fato de serem estruturas subordinadas, cuja relação de dependência é evidenciada por dois traços: o sujeito da oração matriz é o mesmo da oração subordinada, que não é expreso, e os verbos da oração subordinada são não finitos, e, portanto, apoiados no tempo e modo da outra oração.

Apesar de apontar questões relativas à ordenação dos constituintes no interior da Expressão Linguística, a autora não considera que a posição assumida pelas estruturas com *além de* em relação ao seu núcleo seja reflexo de fatores de ordem interpessoal ou representacional.

Como se vê, as estruturas aqui enfocadas envolvem ainda os conceitos de coordenação e de subordinação. Sabe-se que o fenômeno da subordinação é tradicionalmente definido com base em critérios morfossintáticos, como o de encaixamento de orações ou uso de formas verbais não finitas, como infinitivos, gerúndios e participípios. Dessa forma, são consideradas subordinadas orações que exercem funções sintáticas na sua oração principal e equivalem a um substantivo, a um adjetivo ou a um advérbio. No caso das orações adverbiais, a oração dependente funciona como um constituinte da oração principal, ou seja, como um adjunto adverbial.

A maioria dos linguistas, a exemplo de Lehmann (1988), Halliday (1985), Matthiessen e Thompson (1988) e Givón (1990), rejeitam a relação dicotômica tradicionalmente instaurada entre os processos de coordenação e subordinação.

Segundo Halliday (1985), as relações entre orações podem ser vistas com base no sistema de interdependência, ou seja, a partir do que se entende por parataxe e hipotaxe. Na

primeira há dois elementos com estatuto de igualdade, enquanto na segunda há a relação entre um elemento dependente e seu dominante.

Matthiessen e Thompson (1988), por sua vez, apoiam-se no contexto discursivo para diferenciar orações subordinada e principal, uma vez que, segundo os autores, não é possível fazer essa distinção com base em meios estritamente sentenciais. Apoiados em Halliday (1985), propõem diferenciar encaixamento de hipotaxe; sendo assim, há três processos distintos: (i) a parataxe² (coordenadas), a hipotaxe (subordinadas adverbiais) e o encaixamento (substantivas e adjetivas restritivas). Nessa perspectiva, Matthiessen e Thompson (1988) dispensam especial atenção ao processo de hipotaxe de realce, que consiste em combinações de orações hipotáticas envolvendo relações circunstanciais, tais como condição, razão, propósito, tempo, espaço, etc., em que uma oração realça a outra circunstancialmente.

Esses autores justificam o uso do termo “hipotática” para classificar essas orações, ao invés da tradicional nomenclatura “adverbial” ou “subordinada”, dizendo que ambas as terminologias se mostram problemáticas devido à respectiva – e imediata – associação à classe e à função gramatical por eles denominada. Os autores defendem que:

Se uma *oração subordinada* é tomada como uma oração que é subordinada a outra unidade gramatical, é inadequado fazer a distinção entre encaixamento e combinação de orações. Se uma *oração adverbial* é oração que funciona como advérbio, essa denominação trata essa oração também como sendo encaixada dentro de outra oração, ao invés de tratá-la como uma instância de combinação de orações; nós rejeitamos a interpretação de encaixamento para nossos exemplos. (MATTHIESSEN e THOMPSON, 1988, p. 286).

Além de Matthiessen e Thompson, também Givón (1990) descarta a existência de uma oposição entre coordenação e subordinação. Para defender essa posição, o autor argumenta que tal distinção tradicional não é de todo satisfatória, primeiramente porque

² Matthiessen e Thompson afirmam em nota (1988, p. 318) que a noção de parataxe se mostra mais abrangente que o tradicional conceito de coordenação e, uma vez que têm por foco a hipotaxe, não discutirão o conceito de parataxe de Halliday (1985).

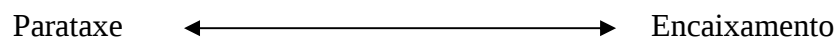
nenhuma oração é completamente autônoma em relação a seus contextos oracionais imediatos; em segundo lugar, porque a distinção absoluta entre orações “dependentes” e “independentes” só se mostra aplicável em contextos com limites tipológicos rigidamente prescritos.

Segundo o autor, a mera distinção binária entre subordinação e coordenação revela uma grosseira simplificação dos fatos (GIVÓN, 1990, p. 826). Amparado pelo princípio da iconicidade, o pesquisador afirma que os fatos subjacentes a esse princípio não sustentam uma clara separação entre orações coordenadas e subordinadas: ao invés disso, revelam a existência de uma escala com diferentes graus de integração entre orações.

Lehmann (1988) também integra o grupo de linguistas que rejeita a existência dessa relação binária e, tal como Givón (1990), considera a existência de diferentes graus de encaixamento, havendo orações mais e menos dependentes de sua principal.

Para definir esse *continuum*, que se inicia na parataxe e termina na hipotaxe, Lehmann (1988) se vale de seis parâmetros: (i) o rebaixamento hierárquico da oração subordinada; (ii) o nível sintático da oração principal com relação à subordinada; (iii) a dessentencialização da oração subordinada; (iv) a gramaticalização do verbo da oração principal; (v) o entrelaçamento das duas orações; e (vi) a explicitude do elemento de ligação entre elas. Podemos observar essa proposta na figura 1:

Figura 1 – Parataxe e encaixamento



Fonte: Adaptado de Lehmann (1988, p. 189).

Partindo de uma perspectiva translinguística, Cristofaro (2003) defende que a definição de subordinação a partir do processo de encaixamento mostra-se bastante limitada, uma vez que as mesmas estruturas morfosintáticas não são universalmente compartilhadas.

Segundo a autora, como nem todas as línguas dispõem de um mesmo fenômeno para expressar uma determinada relação entre dois Estados-de-Coisas, ou seja, o fato de as mesmas relações semânticas e/ou pragmáticas não serem codificadas pelos mesmos tipos de construção impede que a linguística tipológica se baseie em critérios estritamente formais para definir o fenômeno da subordinação. Sendo assim, a noção de subordinação deve ser definida em termos funcionais que compreendam aspectos nocionais, cognitivos e semântico-pragmáticos.

O critério funcional-cognitivo, desenvolvido por Cristofaro (2003) fundamentado em Langacker (1991), propõe que a subordinação não seja vista como resultado do uso de determinadas estruturas morfossintáticas, mas sim como um modo de construir uma relação cognitiva entre dois Estados-de-Coisas, de modo tal que o Estado-de-Coisas dependente, por não ter um perfil autônomo, é construído na perspectiva do Estado-de-Coisas principal.

De acordo com o postulado da assimetria de Langacker (1991), ao construir uma conexão entre dois Estados-de-Coisas, o falante tem duas escolhas básicas: (i) por um lado, os dois Estados-de-Coisas podem ser construídos como perfeitamente simétricos do ponto de vista cognitivo, portanto, ambos têm um perfil autônomo, situação em que acontece a coordenação, em que nenhum perfil oracional sobrepõe-se ao outro; (ii) por outro, os dois Estados-de-Coisas são construídos como cognitivamente assimétricos, quando um dos dois não tem um perfil autônomo e é construído com base na perspectiva do outro.

A definição funcional-cognitiva de Cristofaro (2003) propõe, portanto, que se deve entender por subordinação uma situação a partir da qual se estabelece uma assimetria cognitiva entre dois Estados-de-Coisas, tal que o perfil de um dos dois (principal) sobrepuja o do outro (dependente). Isso equivale a dizer que o Estado-de-Coisas dependente é pragmaticamente não afirmado, enquanto o principal é pragmaticamente afirmado.

A autora (Cristofaro, 2003) atribui importância ao fato de que os testes de assertividade funcionam para qualquer língua, uma vez que não se referem a tipos específicos de orações, mas ao estatuto pragmático/cognitivo de diferentes partes da sentença. Como testam tanto a parte da sentença que está sujeita à contestação como a que não está, são independentes de características estruturais de qualquer sentença, o que garante grande sucesso do uso desses testes na análise translinguística.

Dessa maneira, tal proposta mostra-se diferente das demais na medida em que tenta definir subordinação atentando à forma como se percebem e se conceituam os Estados-de-Coisas envolvidos em determinada construção. Nessa perspectiva, ao se distinguir o que é de ordem conceitual do que é estrutural, a subordinação é encarada como o resultado de situações conceituais, e não como um fenômeno apenas morfossintático.

Assumindo uma posição diferente desses autores, Dik (1997b) defende a existência de uma oposição entre coordenação e encaixamento. Para o autor, construções encaixadas são definidas como termos complexos que contêm estruturas encaixadas como seus restritores. Os termos encaixados podem ocupar a posição de argumento ou satélite.

Nesse âmbito, a posição de argumento pode ser identificada quando a informação contida for essencial para manter a integridade do Estado-de-Coisas. Isso corresponde ao que tradicionalmente conhecemos por oração substantiva. Contudo, se a informação, ao ser retirada, não afetar a integridade do Estado-de-Coisas, esses termos ocupam a posição de satélite e compreendem o que se conhece por oração adverbial.

A partir das considerações de Dik (1997b), Hengeveld (1998), ao traçar um panorama das orações adverbiais nas línguas da Europa, assume que uma oração é considerada subordinada quando ela depende de outra oração para que possa ocorrer, e uma oração é considerada adverbial se ela pode ser omitida sem afetar a gramaticalidade da oração principal.

O autor (Hengeveld, 1998) aponta ainda que essa definição de construções subordinadas exclui expressões paratáticas, embora elas possam ter um valor semântico correspondente àqueles veiculados por construções subordinadas. Quanto a isso, é interessante a justificativa do linguista para esse recorte teórico: tal premissa se baseia no fato de que as construções paratáticas excluídas podem, de fato, (i) não apresentar um conectivo que relacione uma oração à outra, portanto, teríamos uma construção puramente justaposta, ou ainda (ii) apresentar um elemento que, de fato, estabeleça uma relação entre essas orações, porém não de forma subordinada, como é o caso da língua basca, ilustrado em (15), em que o advérbio relacional *gainera*, embora instaure uma relação de adição, não o faz nos moldes do que se poderia considerar uma subordinação:

(15) ³Oso berandu da, *gainera* euria ari du.

very late is in addition rain is has

muito tarde é além de chuva está tendo

‘Apart from being very late, it is raining.’

“It is very late, in addition it is raining.”

‘Além de ser muito tarde, está chovendo.’

“Está muito tarde, além de estar chovendo.”

Todas essas questões – adição, coordenação, subordinação – que envolvem as estruturas aqui investigadas serão retomadas e discutidas adiante, sob o arcabouço da Gramática Discursivo-Funcional, no capítulo seguinte.

³ Exemplo extraído de Hengeveld (1998, p. 336). A tradução dos morfemas, bem como do exemplo completo para o português foi livre.

4. HIPÓTESES E OBJETIVOS PARA OS USOS DE *ALÉM DE* NO PORTUGUÊS

Este trabalho baseia-se, fundamentalmente, em três hipóteses. A primeira é a de que as construções *além de* podem desempenhar duas funções distintas, uma de natureza interpessoal, que se estabelece na interação entre falante e ouvinte, e outra, de natureza representacional, relacionada à representação do universo extralinguístico.

A segunda hipótese, estritamente relacionada à primeira, é a de que tal distinção, que se estabelece no nível da formulação, apresenta reflexos morfossintáticos no que compete à ordenação dos constituintes. Dessa forma, estruturas *além de* com função interacional posicionam-se antes do núcleo, enquanto aquelas com função representacional situam-se depois dele.

A terceira hipótese é a de que as unidades morfossintáticas que compõem a estrutura *além de* relacionam-se por meio de um processo de cossubordinação, quando interacionais, e de subordinação, quando representacionais.

Nessa perspectiva, o objetivo geral é investigar, sob a ótica da Gramática Discursivo-Funcional, as construções introduzidas por *além de* na língua portuguesa. Como objetivo específico, pretende-se determinar as propriedades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas dessa construção.

Para isso, essa pesquisa toma como universo de investigação três *corpora* de natureza distinta. O primeiro deles, que permite analisar o uso dessas estruturas na modalidade falada de oito variedades do português, é o *cópus* “Português oral”, organizado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, em parceria com a Universidade de Toulouse-le-Mirail e a Universidade de Provença-Aix-Marselha. Esse *cópus* traz amostragens das variedades do português falado em Portugal, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Outro universo de investigação é “O Córpus do Português⁴”, que se encontra disponível na internet. A amostragem, financiada pelo National Endowment for the Humanities (2004, 2015), foi criada por Mark Davies, professor e pesquisador da área de Linguística da Brigham Young University (BYU), e integra parte da coleção *corpora* dessa mesma universidade. Nesta investigação, faz-se uso da base de dados mais recente dessa amostragem, oficialmente criada entre 2015 e 2016, porém, a partir de uma coleta realizada entre os anos de 2013 e 2014. O córpus contém cerca de um bilhão de palavras de páginas da *web* de quatro países de língua portuguesa, a saber: Brasil, Portugal, Angola e Moçambique.

A terceira base de coleta de dados é a rede social Twitter. Essa escolha tem por finalidade possibilitar a seleção de dados em um contexto de comunicação que transita entre a modalidade falada e a modalidade escrita. Portanto, embora se trate de dados coletados a partir do registro escrito, carregam alto grau de espontaneidade, típica da maioria das produções na modalidade falada.

A opção pelo aparato teórico da Gramática Discursivo-Funcional para fundamentar a análise dos dados coletados nas referidas plataformas levou em consideração, primordialmente, a pertinência de se adotar um modelo de organização descendente, que procura relacionar as escolhas das estruturas utilizadas nos enunciados às intenções comunicativas. Assim, entende-se que esse modelo é capaz de explicar mais adequadamente o funcionamento das estruturas linguísticas na atividade interacional.

Aliado a isso, a estruturação organizacional em níveis e camadas do referido modelo teórico possibilita uma análise adequada das diversas formas de manifestação das construções *além de* no português. Nesse viés, os critérios metodológicos foram escolhidos, fundamentalmente, com base na estrutura organizacional do modelo, visando a verificar as hipóteses levantadas e cumprir com os objetivos propostos.

⁴ Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/xp.asp>

A análise contempla os dados a partir de um panorama qualitativo, e não quantitativo. Essa opção se justifica, principalmente, pelo fato de não se tratar de uma pesquisa sociolinguística. Assim, a adoção de um viés exclusivamente qualitativo permite caracterizar adequadamente os usos das construções *além de* no português.

Este trabalho se organiza em três capítulos. O primeiro deles trata do arcabouço teórico geral que embasa essa investigação, a Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008). Nele, busca-se apresentar a teoria em termos de sua organização em camadas, bem como a importância dessa arquitetura para a verificação das hipóteses e o alcance dos objetivos estabelecidos.

O segundo capítulo, por sua vez, traz os procedimentos metodológicos, de modo a apresentar, mais detalhadamente, os objetivos gerais e específicos do trabalho, as hipóteses consideradas, os universos de investigação e também os parâmetros que norteiam a análise dos dados.

Feitas as considerações metodológicas, o terceiro capítulo apresenta a análise das ocorrências, categorizando-as quanto aos tipos específicos de acordo com as funções que desempenham conforme o modelo teórico aqui adotado.

Nas considerações finais, apresentamos uma síntese dos principais resultados alcançados nessa investigação e as consequências teórico-metodológicas de uma abordagem como a que aqui propomos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação tem por objetivo geral investigar, sob a ótica da Gramática Discursivo-Funcional, as construções introduzidas por *além de* na língua portuguesa, determinando as propriedades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas dessa construção, partindo de três hipóteses. A primeira é a de que as construções *além de* podem desempenhar duas funções distintas, uma de natureza interpessoal, que se estabelece na interação entre falante e ouvinte, e outra de natureza representacional, relacionada à representação do universo extralinguístico. A segunda, estritamente relacionada à primeira, é a de que tal distinção, que se estabelece no nível da formulação, apresenta reflexos morfossintáticos principalmente na linearização dos constituintes da Expressão Linguística. A terceira hipótese é a de que as unidades morfossintáticas que compõem a estrutura *além de* relacionam-se por meio de um processo de cossubordinação, quando interacionais, e de subordinação, quando representacionais.

Como demonstrado, a primeira hipótese foi confirmada, uma vez que foram reveladas duas funções exercidas pelas construções aqui enfocadas: uma própria do Nível Interpessoal, já que serve a uma estratégia do falante para ressaltar a informação nova veiculada no Ato Nuclear valendo-se de uma informação dada trazida no Ato Subsidiário, a que denominamos Função Retórica Suporte; a outra, que diz respeito aos modos como a língua se relaciona com os possíveis mundos que ela descreve, é própria do Nível Representacional, uma vez que restringe um núcleo ao acrescentar-lhe uma informação considerada inquestionável, a que denominamos modificador doxástico.

Essas propriedades da operação de formulação são mapeadas no Nível Morfossintático, já que as estruturas que desempenham a Função Retórica Suporte posicionam-se antes do núcleo, ocupando a posição $P^{pré}$ da Expressão Linguística, enquanto

as com Função Semântica Doxástico situam-se depois dele, assumindo a posição P^F da Oração, o que confirma a segunda hipótese.

A terceira hipótese pressupunha que o processo morfossintático estabelecido entre as partes da estrutura (*para*) *além de* seria de Cossubordinação, quando desempenhassem Função Retórica, e de Subordinação, quando desempenhassem Função Semântica. Os dados revelam, no entanto, que essa hipótese se confirma com relação aos casos em que o constituinte introduzido por (*para*) *além de* é composto de uma Oração: há Cossubordinação na Expressão Linguística e Subordinação na Oração. Os casos de estruturas (*para*) *além de* não oracionais do Nível Interpessoal, entretanto, estabelecem uma relação de Extraoracionalidade na Expressão Linguística, dado que a dependência é unilateral; e, quando do Nível Representacional, é tão somente um dos constituintes da Oração, a que a tradição gramatical denomina de adjunto adverbial.

Além disso, este estudo contribui para a argumentação iniciada por Oliveira (2012a) que, como apontado, trata dessas mesmas construções a partir do mesmo aparato teórico. No referido trabalho, a autora defende a existência de uma oração subordinada adverbial aditiva, à semelhança do que propõe Hengeveld (1998) e Pérez Quintero (2002), ao tratar das relações adverbiais. Assim, essas orações adverbiais de adição estabeleceriam uma relação de dependência morfossintática com a oração núcleo, caracterizando o processo de subordinação.

Oliveira (2012a) defende que a expressão *além de* evidencia uma hierarquia entre os eventos descritos pelo ouvinte e, a partir dela, apresenta outro, mais relevante, de maior destaque, argumentando que, por essa razão, esse tipo de relação aditiva extrapola uma “adição neutra”, como a que se estabelece pelo conectivo *e*, o que se ratificaria a partir da possibilidade de se adicionar o advérbio *ainda*. Entretanto, apesar de reconhecer que, de fato, a oração introduzida por *além de* extrapola uma simples adição, a autora não considera que exista, entre oração adverbial e oração principal qualquer Função Retórica. Na verdade, nos

termos da própria argumentação da autora, isso seria inviável já que, diferentemente do que aqui se propõe, ela considera que a construção comporta um único Ato Discursivo. Isso, obviamente, também impede de considerar, por questões de coerência, a existência de uma Função Retórica, já que a GDF prevê que cabe ao Ato Subsidiário, que está atrelado a outro, Nuclear, desempenhá-la.

Outro ponto que instaura distanciamento em relação ao proposto por Oliveira (2012a) é a defesa de que o conjunto composto das orações principal e subordinada adverbial de adição é codificado como um único Conteúdo Proposicional, formado por apenas um Episódio, Nível Representacional.

Vale ainda dizer que a autora (Oliveira, 2012a) apropria-se, para defender que existe um processo de Subordinação entre as orações que compõem a Expressão Linguística, de questões como a correferência entre os sujeitos matricial e subordinado e da não finitude do verbo da oração subordinada, que se apoiariam no tempo e modo da principal. Outra questão ainda em relação a no que este estudo avança é o fato de não se limitar à análise de estruturas oracionais, dado que entende que a relação morfossintática entre os constituintes da estrutura linguística pode ser de outra natureza, envolvendo outros processos, a depender de fatores de ordem pragmática ou semântica.

Por último, retoma-se o ponto de que mais se distancia a proposta que ora se apresenta daquela defendida por Oliveira (2012a), que diz respeito à ordenação de constituintes, aspecto fundamental dessa tese. Assim, apesar de a autora apontar questões relativas à ordenação dos constituintes no interior da Expressão Linguística, não entende a posição assumida pelas estruturas com *além de* em relação ao seu núcleo como reflexo de fatores de ordem interpessoal ou representacional. Dessa forma, é notável que, ao se analisar a forma de condução argumentativa deste trabalho, especialmente a organização da análise dos resultados, que a questão da ordenação compõe o cerne desta tese. Isso se evidencia pois,

aqui, entende-se a ordem como reflexo de duas funções distintas – uma pragmática e outra semântica –, confirmando as hipóteses de trabalho e, principalmente, corroborando a proposta epistemológica do modelo da Gramática Discursivo-Funcional, dado que diferenças na Formulação refletem-se na Codificação das unidades linguísticas.

Sumarizando os objetivos alcançados, podemos afirmar que essas construções estabelecem duas relações distintas, uma de cunho pragmático e outra de cunho semântico. A primeira corresponde a uma estratégia argumentativa proposital do falante para atingir seu objetivo comunicativo; essa estratégia instaura-se a partir do estatuto comunicativo distinto dos Atos Discursivos envolvidos na construção, que revela a dependência entre os Atos envolvidos (Subsidiário e Nuclear). Essas propriedades são mapeadas no Nível Morfossintático pela posição pré-oracional e no Nível Fonológico pela estrutura de uma Frase Entonacional. A segunda, por seu turno, estabelecida no Nível Representacional, revela uma relação de núcleo-modificador, em que a estrutura introduzida por *(para) além de* é o modificador que restringe esse núcleo. Essas propriedades são refletidas no Nível Morfossintático pela posição pós-nuclear e pela estrutura de Frase Fonológica no Nível Fonológico. O quadro abaixo ilustra a atuação dessa construção no português:

Quadro 14 – Atuação das construções *(para) além de* no português, segundo a Gramática

Discursivo-Funcional

	NI			NR			NM			NF	
	Cam.	Fun.	Uni.	Cam	Uni.	Cat.	Cam.	Uni.	Pos.	Cam.	Uni.
Suporte	M	Ret.	Ato	p	p	qq	Le	Cl/Xp	P ^{pré}	U	IP
Doxástico	A	-----	C	p	σ	qq	Cl	Cl/Xp	P ^F	IP	IP/PP

Fonte: Elaboração própria (2008).

Cam. = camada da construção como um todo

Fun. = função

Uni. = só a estrutura *além de*

Cat. = categoria semântica~

σ = modificador
qq.= qualquer
Pos. = posição
Cl = oração
Xp = qualquer tipo de sintagma
U = enunciado
IP = frase entonacional
PP = frase fonológica

Assim, além de estabelecer as propriedades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas das construções *(para) além de*, evidenciando seus diferentes propósitos comunicativos, bem como os reflexos estruturais desses diferentes usos, este estudo contribui também para o modelo da Gramática Discursivo-Funcional, na medida em que revela a necessidade de se considerar mais uma Função Retórica no Nível Interpessoal e mais um modificador de Conteúdo Proposicional no Nível Representacional.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CAMACHO, R. G. Estruturas coordenadas aditivas. In: NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do Português Falado** – v. VII: Novos Estudos. São Paulo: Humanitas/FAPESP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 351-405.

CRISTOFARO, S. **Subordination**. Oxford: University Press, 2003.

CUNHA, C. F; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIK, S. C. **The theory of functional grammar**. Pt I: The structure of the clause. New York: Mouton de Gruyter, 1997a.

_____. **The theory of functional grammar**. Pt II: Complex and derived constructions. New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

GARCÍA VELASCO, D. **La discontinuidad sintáctica en la Gramática Discursivo-Funcional**. Sesión 1. IV Simpósio Internacional de Linguística Funcional. Natal. 31 de maio a 2 de junho de 2017. 42 slides. Apresentação em Power-point.

GARCÍA VELASCO, D. **La discontinuidad sintáctica en la Gramática Discursivo-Funcional**. Sesión 2. IV Simpósio Internacional de Linguística Funcional. Natal. 31 de maio a 2 de junho de 2017. 34 slides. Apresentação em Power-point.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam: Johns Benjamins, 1990. v. II.

_____. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam and Philadelphia, PA: Benjamins, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HENGVELD, K. Adverbial clauses in the languages of Europe. In: VAN DER AUWERA, J. **Adverbial construction in the languages of Europe**. New York: Mouton de Gruyter, 1998. p. 335-419.

_____. Epilogue. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (Ed.). **A new architecture for functional grammar**. New York: Mouton de Gruyter, 2004. p. 363-378.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar**: A typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Functional Discourse Grammar. In: HEINE, B.; NARROG, H. (Ed.). **The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 367-400. Disponível em: <<http://www.home.hum.uva.nl>>. Acesso em: 10 de maio de 2012.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs). **Gramática do português culto falado no Brasil** – v. I: Construção do texto falado. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

KEWITZ, V. Gramaticalização e semanticização das preposições A e PARA no Português Brasileiro (séculos XIX e XX). 2007. 210 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

KURY, A. da G. **Novas lições de análise sintática**. São Paulo: Ática, 1987.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J. THOMPSON, S. A. (Ed.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988, p. 181-225.

LENKER, U. **Argument and Rhetoric Adverbial Connectors in the History of English**. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2010

MACAMBIRA, J. R. **A Estrutura Morfo-Sintática do Português**. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1970.

MATHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. The structure of discourse and ‘subordination’. In: HAIMAN, J. THOMPSON, S. A. (Ed.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 275-329.

MÓDOLO, M. A estrutura aditiva ‘não só... mas também’ de uma perspectiva multissistêmica. **Estudos Linguísticos XXXIV**, 2005. p. 171-176.

OLIVEIRA, T. P. A Hipotaxe de Adição. **Revista do GEL**. São Paulo, v. 9, n. 2, p. 25-45, 2012a.

OLIVEIRA, T. P. A Oração Subordinada de Adição. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 41, n. 1, p. 90-100, 2012b.

PENHAVEL, E. **Multifuncionalidade e níveis de análise: o papel do conectivo e na organização do discurso**. 2005. 132 p. Dissertação (Mestrado em Análise Linguística) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2005.

PÉREZ QUINTERO, M. J. **La subordinación adverbial en ingles: un enfoque funcional**. La Laguna, 1998. 445 f. Tese (Doutorado em Filologia Inglesa) – Facultad de Filologia – Univesidade de La Laguna.

_____. **Adverbial subordination in English:** a functional approach. Amsterdam: Rodopi, 2002.

PEZATTI, E. G. **A Ordem de Palavras no Português.** São Paulo: Parábola, 2014. 144 p.

ROCHA LIMA, L H. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 27 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.